

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa (Org.)

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães (Org.)

Lilian Barros Gomes (Org.)

**Vivências da Residência Pedagógica - Português
- 2018-2020**

Brasília

UnB – Departamento de Teoria Literária e Literaturas

V857 Vivências da residência pedagógica [recurso eletrônico] : português : 2018-2020 / Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães, Lilian Barros Gomes (Org.). - Brasília : Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2022.
82 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-65-89350-06-4.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino (Estágio).
2. Literatura - Estudo e ensino (Estágio).
3. Professores - Formação. I. Barbosa, Adriana de Fátima Alexandrino Lima (org.). II. Guimarães, Carla Cristina Campos Brasil (org.). III. Gomes, Lilian Barros (org.).

CDU 378:82

Licença de uso da obra

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações (BY-NC-ND)

Revisão gramatical e ortográfica:

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes

Autores

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Davi Ramos da Silva

Caroline Iltchenco Zanetti

Ian Lezan Salvador

Cássia Almeida Dourado

Jussara Silva Meireles

Matheus Bacelar dos Santos

Normalização

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães

Graziela Barros Gomes

Lilian Barros Gomes

Design gráfico, diagramação e capa

Obra organizada por: Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes.

Sumário

Prefácio.....	5
----------------------	----------

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes.

Para além do ensino de língua portuguesa: sobre algumas vivências na residência pedagógica.....	9
--	----------

Caroline Iltchenco Zanetti

Formação docente, concepções pedagógicas e políticas: perspectiva do programa de residência pedagógica de língua portuguesa.....	20
---	-----------

Ian Lezan Salvador

Revivência: uma nova perspectiva a respeito do ensino e aprendizagem.....	35
--	-----------

Matheus Bacelar dos Santos

Diário de bordo: um relato de experiência	44
--	-----------

Cássia Almeida Dourado

Observação e vivência: uma retrospectiva intimista da residência pedagógica	56
--	-----------

Jussara Silva Meireles

Iniciação à trilha que é tornar-se professora	64
--	-----------

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Relato sobre o programa de residência pedagógica: os desafios para se promover uma educação inclusiva e de qualidade	71
---	-----------

Davi Ramos da Silva

Relato sobre o programa de residência pedagógica: os desafios para se promover uma educação inclusiva e de qualidade

Davi Ramos da Silva¹⁵

Introdução

O Programa de Residência Pedagógica - PRP, é um programa corrente gerido pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que visa a implementação de projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, que fora instituído em fevereiro de 2018 pela portaria CAPES nº 38, a qual contou com processos de seleção de universidades, residentes e escolas, contando com a adesão da UnB ao edital n.º 06/2018 da CAPES, que se deu a partir de 16 de abril de 2018.

O até então novo Programa de Residência Pedagógica - PRP, coordenado pela CAPES, trouxe consigo alguns objetivos em seu primeiro edital, tais como:

I. Aperfeiçoar a formação dos discentes dos cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e que conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias. II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica; III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e aquelas que receberão os egressos das licenciaturas, além de estimular o protagonismo das redes de ensino na formação de professores; e IV. Promover a adequação dos currículos e das propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (Edital CAPES, 06/2018)

¹⁵ Graduado no Curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília - UnB, e Bolsista do Programa Residência Pedagógica (financiado pela CAPES); e-mail: daviramos.unb@gmail.com.

Como exemplificado anteriormente, o programa que a Capes propõe nada mais é do que um projeto que busca estreitar as relações entre as universidades e as escolas de ensino básico, visando uma qualificação dos estudantes dos cursos de licenciatura, a fim de que se possa experienciar um pouco da realidade a qual farão parte. Com isso, se faz necessário que o futuro profissional docente tenha uma formação permanente, contínua e de qualidade, pois o mesmo adquire a capacidade de refletir sobre as práticas de ensino-aprendizagem adquiridas durante sua formação, a fim de se pensar novas práticas e metodologias que irão contribuir no seu trabalho e na qualidade do ensino.

Dessa forma, o Programa de Residência Pedagógica- PRP, vem para desmistificar alguns pontos na formação de professores, como no caso de algumas disciplinas ficarem restritas apenas à teoria - se distanciando muito da prática -, com isso nega-se que o futuro profissional tenha uma real vivência da experiência de ensino. Desse modo, o PRP proporciona a todos os participantes do projeto, uma breve, mas real imersão no mundo da docência. A respeito das vivências obtidas no âmbito escolar, e sua real importância, Nóvoa (2003) afirma:

É evidente que a Universidade tem um papel importante a desempenhar na formação de professores. Por razões de prestígio, de sustentação científica, de produção cultural. Mas a bagagem essencial de um professor adquire-se na escola, através da experiência e da reflexão sobre a experiência. Esta reflexão não surge do nada, por uma espécie de geração espontânea. Tem regras e métodos próprios. (NÓVOA, 2003, p. 5)

Porém, na prática, percebemos que há um inegável distanciamento entre os discursos acadêmicos e a real prática realizada em sala de aula, dessa forma, o Programa de Residência Pedagógica, se mostra uma importante ferramenta de reflexão para que se possa repensar a organização de formação à docência, visando assim, a resolução desses obstáculos.

Com isso, o presente trabalho reúne também os relatos acerca da experiência de iniciação à docência, justificando-se a confecção do mesmo, pois compreende as descrições de

vivência da prática de ensino e sua relação com as teorias acadêmicas estudadas, e como a partir da própria experimentação do projeto, os futuros profissionais podem se tornar mais críticos e desenvoltos para superar desafios existentes na realidade cotidiana de uma escola.

Para fins de conhecimento, uma escola campo foi vinculada a este projeto, que atende alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II ao 3º ano do Ensino Médio, em uma faixa etária que varia de 10 a 20 anos.

Metodologia

Foram utilizados para a elaboração deste trabalho os dados obtidos a partir da observação, reflexão e descrição não só de todo o material desenvolvido no Programa de Residência Pedagógica, mas como da própria experiência docente. Dito isto, é importante salientar que a metodologia trabalhada fora de caráter qualitativo, visto que os resultados obtidos tiveram origem da observação e vivência, dentro e fora das salas de aula, assim como a partir das demandas discentes e institucionais previamente observadas.

Como metodologia, para o desenvolvimento da docência, foram utilizados materiais didáticos das próprias instituições, assim como materiais de apoio. Todo o planejamento das aulas ministradas teve fundamentação no trabalho já vigente, assim como também nas diretrizes de cada instituição, respeitando os cronogramas de conteúdo, bem como os materiais didáticos propostos.

Além disso, durante todo o período de docência, procuramos estimular os alunos a interagirem em sala de aula, com atividades e brincadeiras dinâmicas visando não só a fixação do conteúdo trabalhado, tornando desta forma o aprendizado mais ativo, mas também buscando trabalhar o senso de coletividade, empatia e respeito entre os alunos. Dessa forma, sempre se intencionou, durante todo o trabalho realizado no Programa de Residência Pedagógica, que as práticas docentes realizadas desenvolvessem ferramentas que possibilitassem os alunos a superarem suas próprias dificuldades em relação à língua portuguesa, tornando assim, a experiência benéfica e o aprendizado mútuo.

Os recorrentes desafios enfrentados na docência de língua portuguesa no ensino médio

Até agora, muito se destacou sobre a importância da vivência das experiências de sala de aula, em como o PRP se apresenta como um projeto indispensável para que os estudantes de licenciatura adquiram a prática da docência em meio a experiência da mesma. Mas com isso, acabamos nos deparando também com muitos obstáculos estudados em teorias sobre o ensino, em como a prática docente se mostra desafiadora e em como é de extrema importância que haja não só uma boa relação no processo de ensino-aprendizagem entre docentes e discentes, mas também haja entendimento, cooperação e um bom relacionamento entre todos os setores que administram uma instituição de ensino.

O estágio no ensino médio foi, inicialmente, dividido em duas etapas; a primeira foi observação seguida por regência de aulas, digo inicialmente pois, apesar da preparação e observação, não se pôde concluir os trabalhos na referida instituição de ensino. Junto a essa imersão, houve também reuniões referentes às instruções sobre o estágio, sobre a instituição de atuação, preparação teórica, além da parte burocrática como a elaboração de relatórios. Como estudantes de Letras-Português, as aulas atribuídas aos residentes eram todas de língua portuguesa, perpassando desde os estudos gramaticais e linguísticos até a parte literária.

No primeiro momento de contato com a escola, tivemos a tarefa de observar as aulas e todo o contexto escolar. Neste momento de observação, foi possível notar as condições precárias da estrutura física da instituição, que contava com infiltrações nas salas de aula, ventiladores com mal funcionamento e janelas quebradas, assim como os banheiros dos alunos, onde muitos não contavam mais com as portas, incluindo vários outros problemas estruturais na instituição, que nos possibilitou analisar e compreender que tais condições se tornam um desafio, tanto para o professor, quanto para os próprios estudantes.

Outro obstáculo, sem dúvida, foi a falta de equipamentos como projetores de vídeo e poucas televisões funcionando na escola, dificuldades que um professor enfrenta no cotidiano de seu trabalho, pois o impede de propor uma aula diversificada e mais atrativa, limitando assim, suas possibilidades de atuação e de utilização de recursos metodológicos. Quando se pretendia passar um filme como forma de trabalho proposto, por exemplo, as turmas eram

aglomeradas na sala de vídeo, um ambiente despreparado para comportar um grande número de estudantes, onde nem mesmo havia espaço para as cadeiras, dessa forma, era necessária uma rotação das turmas, o que demandava muito tempo do professor para o deslocamento e acomodação dos estudantes.

Faz-se imprescindível, no momento em que vivemos, onde as relações sociais são amplamente marcadas pelo intermédio de tecnologias, que o meio educacional consiga se atualizar utilizando das mesmas no processo educativo, pois a partir destas se pode ampliar os meios de percepção da própria realidade sociocultural pelos alunos, além de ser uma aliada ferramenta no processo de aprimoramento e desenvolvimento de técnicas de ensino-aprendizagem.

O ambiente digital surge como uma nova perspectiva no contexto escolar, abrindo espaço para uma maior interação humana mediada pelos gêneros eletrônicos, através da interdisciplinaridade. A linguagem universal e compartilhada no mundo inteiro, transforma o aprendizado do aluno, inserindo-o como sujeito social no contexto educacional e na tecnologia simultaneamente. (DIAS, 2016, p. 163)

Já no segundo momento, a tarefa foi de, propriamente, ministrar aulas, momento esse que com certeza se mostrou ser o mais desafiador para o residente, sendo também um dos pontos mais importantes do PRP. Essa etapa requer muito do residente, principalmente, no que compete o comportamento, postura, conhecimento e planejamento das aulas, com isso, este se mostra um momento muito importante em sala de aula pois é a partir do mesmo que conseguirá desenvolver suas habilidades como educador, além do estabelecimento de um vínculo mais dinâmico com os estudantes, então é a partir desse ponto que se deve demonstrar toda sua bagagem metodológica de ensino, tentando transmitir os conhecimentos e trabalhar os conteúdos de forma mais criativa para despertar a atenção e interesse dos alunos e não tornar a aula um momento enfadonho.

Esse, sem dúvida, se mostrou ser um dos obstáculos mais importantes a serem superados em sala de aula, o de despertar, através de aulas mais dinâmicas, o interesse discente aos conteúdos de português. Ao longo de vários meses de observação das aulas ministradas pelo professor titular, aos conteúdos de português, se pode, claramente, perceber que suas aulas se

encaixavam em uma metodologia muito engessada, tal qual uma abordagem totalmente tradicional e nada dinâmica, além de se notar que a relação entre docente e discentes, em muitos momentos, se mostrou autoritária, e totalmente vertical, onde o professor se mostra como o único detentor e transmissor do conhecimento e que os alunos estavam ali apenas para absorver o conteúdo. A respeito dessa relação entre educador e educando, Behrens (2005) refuta tal proposta de ensino ao colocar que:

O professor progressista, como educador e também sujeito do processo, estabelece uma relação horizontal com os alunos e busca no diálogo sua fonte empreendedora na produção do conhecimento. O docente, sem impor suas ideias e concepções, procura estar a serviço do aluno superando a visão do aluno objeto, portanto, nega toda forma de repressão no processo e possibilita a vivência grupal. (BEHRENS, 2005, p. 73)

Em resposta às aulas do educador em questão, se notou que os alunos se mostravam totalmente desinteressados e desmotivados, e com isso, ou mexiam nos celulares ou preferiam dormir durante as aulas, e nesses momentos o educador ou ignorava esses alunos, ou adotava uma abordagem completamente autoritária relembrando-os que eles tinham um “papel” a cumprir em sala de aula, e que se não gostassem do mesmo, seriam encaminhados à direção.

Portanto, foi-se necessário que nossa atuação tivesse uma abordagem totalmente contrária à que estava vigente, procurando estimular o interesse pela língua portuguesa, e desmistificar que o ensino da mesma é enfadonho e complicado. Dessa forma, foi usada uma abordagem que propiciasse com que os alunos fossem mais interativos com o conteúdo, se tornassem mais ativos na formação do seu próprio conhecimento, nos utilizando de métodos como formação de grupos, pois logo se mostrariam mais comunicativos por estarem trabalhando com colegas em sala, e na escolha de conteúdos que os fizesse levar à uma reflexão e, conseqüentemente, a um debate que exporia seus pontos de vista, dúvidas e ideias a respeito do conteúdo.

Dessa maneira, um dos focos do Programa de Residência Pedagógica, me atrevo a dizer, é de nos tornar capazes de proporcionar, dentro e fora da sala de aula, uma ação comunicativa que possa fornecer ferramentas necessárias para uma educação crítica e emancipatória.

Tematizar um conteúdo de saber dentro do processo educativo significa, na perspectiva do agir comunicativo, apresentar pedagogicamente as razões que o tornam um saber válido. É nesse sentido que podemos falar de reconstrução ou de atualização do conhecimento. A escola, dessa forma, deixa de ser o lugar de mera reprodução (repetição, cópia) de conhecimentos, para tornar-se o lugar de sua problematização e de sua apropriação crítica. Para que isso ocorra é preciso que a sala de aula reúna as condições objetivas e subjetivas de um discurso potencial. Em fase de um conteúdo de saber cada grupo de alunos deve ter o direito de colocar seus porquês, saber as razões que justificam, propor novos enfoques (BOUFLEUER, 2001, p.34).

Porém, apesar de toda a preparação, minhas expectativas ao ministrar aulas nessa instituição, foram completamente frustradas. Pôde se perceber que apesar da dinamização e mudança da prática pedagógica, bem como do conteúdo, os alunos continuaram apáticos à matéria exposta, permanecendo no mesmo estado de desinteresse que demonstravam nas aulas do professor titular, e isso nos afetou muito durante a docência, pois apesar de todos os esforços para proporcionar uma mudança de perspectivas em relação ao estudo da língua portuguesa, isso não necessariamente se sucedeu.

Apesar de toda frustração, se pôde detectar que todo o funcionamento institucional estava comprometido. Através do nosso longo período de observação, não só das aulas ministradas, mas também no funcionamento da coordenação e sala de professores, se percebeu que as relações entre os próprios funcionários estavam bastante desgastadas, principalmente no que se refere a relação do professor responsável (preceptor) por nossa residência na escola em questão. Um ponto que acho relevante de se exemplificar, é que o professor preceptor designado não aparentava ter uma boa relação com os outros professores, além disso, parecia ter muito pouco contato com a coordenação da instituição, e o que se constatou depois de muita observação e conversas é que a relação de respeito e parceria entre o preceptor e os demais

profissionais, por diversas razões, não se sustentava, o que conseqüentemente se refletia em sala de aula.

O que se percebia, na verdade, tentando não cair na armadilha da generalização, é que a maioria dos professores não traziam consigo o real interesse de estimular seus alunos a superarem suas próprias barreiras em suas disciplinas, o que se pretendia era apenas a aplicação sistemática do conteúdo em um molde puramente tradicional de ensino, onde não se leva necessariamente, o aluno, ao debate, dúvida, crítica ou reflexão sobre o que está aprendendo. Não se sabe exatamente o porquê dessa prática, mas o que se constatou vindo de alguns profissionais, era que o desgaste da profissão aliado a rotina, haviam desmotivado os professores a tentarem se reinventar em relação às suas práticas de ensino-aprendizagem.

Outro ponto muito importante a se destacar, um dos motivos pelo desinteresse discente à construção do próprio saber, era da total desmotivação da própria instituição de ensino em que se encontravam, isso aliada, claro, com a indiferença docente. Muito se constatou através de condutas dentro da escola vindo dos professores e outros profissionais que muitos alunos “não valiam a pena”, no sentido de não se esforçarem para que a educação tivesse um real papel transformador na vida dos estudantes, pois muitos profissionais expressavam seu real abandono e indiferença, deixando muitos discentes a própria sorte.

Além disso, a própria instituição não parecia fazer um real engajamento educacional para que seus alunos tivessem uma nova perspectiva sobre o ensino e isso pôde ser atestado quando tentamos, através do PRP, implementar oficinas de literatura, gramática, e redação na escola. Nesse ponto, a secretaria junto com a direção e corpo docente foram a favor da ideia, e tudo foi preparado com o maior planejamento, mas na prática percebemos, que a própria escola e professores, não encorajavam os alunos a participarem das oficinas, além disso, não faziam as divulgações necessárias para que se tivesse ciência discente sobre a existência de tais oficinas o que, infelizmente, nos forçou a abandonar tais projetos complementares.

Sobre o papel educacional que a escola e seu corpo docente proporcionam, ou deveriam proporcionar aos alunos, Vieira, fundamentando-se em Braslavsky, discorre:

[...] Por óbvio que pareça, é importante insistir que as políticas e a gestão da educação básica necessitam encontrar seu foco na essência da tarefa educativa – bem ensinar e bem aprender – tudo fazendo para cumprir a função social da escola com sucesso. [...] Sua razão de existir está intrinsecamente ligada à tarefa primordial de bem ensinar e aprender. Gestão escolar bem sucedida, portanto, é aquela voltada para a aprendizagem de todos os alunos. (VIEIRA, 2007, p.15)

Isso já nos leva a outro aspecto muito importante, que é a realidade dos próprios alunos que fazem parte daquela comunidade escolar. Quando chegamos na escola para podermos de fato conhecê-la, nos deparamos com uma comunidade bastante carente e fragilizada, a maioria dos estudantes eram das cidades do entorno do DF, das cidades mais carentes pertencentes ao Goiás e para estarem na escola, em seus devidos turnos, tinham que sair muito cedo de casa por causa do transporte público, que estavam sempre cheios, e também por causa dos horários, pois não circulavam a toda hora. Além disso, se constatou que a maioria daqueles estudantes eram de origem bem humilde, provenientes de uma situação socioeconômica vulnerável e que a maioria possuía algum trabalho no turno contrário ao da escola e que, na verdade, usavam a instituição como ponto de descanso, um lugar para estarem até o horário do trabalho, pois a maioria estava em empregos que se localiza em Brasília, dessa forma estariam mais perto das respectivas ocupações.

Faz-se importante ter ciência sobre a comunidade em que se está trabalhando, pois, as diferentes realidades dos estudantes podem se mostrar como um desafio a ser superado dentro do trabalho planejado pelo educador. Como já supracitado anteriormente, cada estudante possui uma realidade a qual está inserido quando entra em uma escola, o indivíduo já carrega uma bagagem social, emocional e educacional que não deve ser ignorada, portanto é necessário que o docente tenha o máximo de cuidado ao trabalhar com diferentes vivências, para que dessa forma não se menospreze, ridicularize ou apague as identidades dos alunos, mas que a partir das mesmas, se possa construir um ensino que faça sentido para eles.

Para favorecer os mais favorecidos e desfavorecer os desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore no conteúdo do ensino transmitido, nos métodos e nas técnicas de transmissão e nos critérios de julgamento, as desigualdades culturais entre as crianças provenientes das diferentes classes sociais; em outros termos ao tratar todos os ensinados, por mais desiguais que sejam, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a sancionar as desigualdades iniciais frente à cultura. A igualdade formal que regula a prática pedagógica, na verdade, serve de máscara e de justificação às desigualdades reais frente ao ensino, e frente à cultura ensinada, ou, mais exatamente, exigida (BOURDIEU in PERRENOUD 2001, p. 66).

Como já mencionado, a maioria dos estudantes daquela escola trabalhavam, então a educação, para muitos, estava em segundo plano, pois uma ocupação remunerada se mostrava mais urgente para suas necessidades, logo, o papel de professor é de conduzir o estudante através da educação, no nosso caso, usando a língua portuguesa, para que o mesmo entenda que através do ensino, ele possa ser capaz de mudar sua própria realidade. Portanto, o papel educacional é a de conscientização de que é preciso haver uma democratização da educação brasileira, pois com isso, espera-se que mais profissionais educacionais procurem trabalhar com mais afinco e persistência, no sentido de sanar as diferenças que os estudantes oriundos das classes baixas apresentam quando chegam às escolas. É necessário, a partir de uma visão mais panorâmica sobre o ensino, e principalmente livre de preceitos, que os professores reconheçam que um ensino que não leve em consideração ou reconheça as desigualdades existentes em sala de aula, favorece apenas casos excepcionais, ou seja, os mais privilegiados.

Outro fator importante, para que se tenha uma real construção e mudança educacional, é necessária uma articulação conjunta de toda a comunidade, inclusive das famílias, que se apresenta como um fator muito decisivo para o fracasso ou sucesso educacional na vida de muitos estudantes. Faz-se necessário que os pais, ou responsáveis, tenham um papel ativo na vida escolar do estudante, o incentivando e encorajando a superarem suas próprias dificuldades, pois a educação, possivelmente, não fez parte da vida de muitos responsáveis. Com isso, é necessária essa articulação conjunta das famílias com as instituições de ensino para que se possa ter uma maior taxa de efetividade e continuidade escolar, já que demonstra empenho e interesse das famílias pela educação dos filhos.

Contudo, essa realidade se mostrou bem distante de muitos alunos da escola em que atuamos, pois pudemos perceber o total abandono, o não comprometimento de muitas famílias na educação dos filhos, algo presenciado, por exemplo, nas reuniões de pais, onde poucos apareciam, ou quando surgia algum problema discente como mal comportamento, onde os alunos eram suspensos e os pais não se interessavam saber o que havia acontecido. Mas já deixando claro aqui, que não se pode culpar a ausência dos pais em certos momentos educacionais dos filhos, pois todos possuem suas responsabilidades e realidades, sejam no trabalho ou em casa, mas o que se verificava era que isso esse mostrava como algo recorrente, a total ausência dos pais em participarem da comunidade escolar dos filhos, o que claro, também se refletia em seus desempenhos nos estudos. “A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar” (GARCIA, 2006, p. 12).

Considerações finais

O que se pode constatar é que toda a estrutura de ensino precisa ser repensada, não a ponto de que se mude todo o sistema, mas que se planeje métodos que possam ajudar a solucionar empasses recorrentes da educação. A evasão escolar ainda se apresenta como uma grande realidade em nosso país, as desistências ainda, para muitos, se mostra como uma válvula de escape, a retenção ou reprovação dos alunos são um ponto chave para que essa realidade escolar não se concretize.

Muito se discute sobre um ensino mais qualitativo e menos quantitativo, que visa formar um cidadão mais ativo socialmente, um agente de sua própria formação, dessa forma, o que se percebe é que o papel da escola junto com a família, se mostra muito importante, pois a partir destes se pode transformar realidades, para melhor ou pior, dependendo das posições tomadas frente uma educação igualitária, inclusiva e de qualidade, mas que o trabalho do professor vise sempre estar inspirando e estimulando os alunos a se superarem frente seus desafios e que a educação nunca tenha um caráter separatista, diminutivo ou constrangedor, pois o papel da educação é de formar cidadãos conscientes, críticos e empáticos, para que se possa diminuir assim, as diferenças socioculturais, econômicas e intelectuais na sociedade.

Referências

BEHRENS, M. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOUFLEUER, J. P. **Pedagogia da ação comunicativa**. Frederico Westphalen: Unijui, 2001.

BRASIL. **Edital CAPES 06/2018**. Dispõe sobre a Residência Pedagógica. 2018. Disponível em:

http://cfp.ufcg.edu.br/portal/images/conteudo/PROGRAMA_RESIDENCIA_PEDAGOGICA/DOCUMENTOS_E_PUBLICACOES/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf

Acesso em: 15 jul. 2021.

DIAS, G. A; CAVALCANTI, R. de. A. As tecnologias da informação e suas implicações para a educação escolar: uma conexão em sala de aula. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 1., ed. especial, p. 160-167, 2016.

GARCIA, E. G.; Veiga, E. C. **Psicopedagogia e a teoria modular da mente**. São José dos Campos: Pulso, 2006.

NÓVOA, A. Novas disposições dos professores: A escola como lugar da formação; Adaptação de uma conferência proferida no **II Congresso de Educação do Marista de Salvador** (Baía, Brasil), em julho de 2003. Disponível em:

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/685/1/21205_ce.pdf Acesso em: 16 jul. 2021.

PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VIEIRA, S. L. Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples. **RBPAE**, v.23, n.1, p. 53-69, jan./abr. 2007.

